

## O que é um “CAFÉ”?

José Antônio de Ávila Sacramento

Conta uma lenda que Kaldi, um pastor da Etiópia, notou que as suas cabras ficavam mais alegres e espertas enquanto comiam frutinhas vermelhas de um arbusto. Ele resolveu experimentá-las e também percebeu que o consumo delas o deixava bem mais disposto para o trabalho. Há o registro de que no séc. VI, talvez já sabendo disto, um monge usou a fruta como infusão, com sucesso, para conseguir ficar acordado à noite e rezar. Desde então o café começou a tomar fama e a viajar pelo Oriente, até chegar à Pérsia. Acredita-se que os primeiros a torrar os grãos foram os árabes, que espalharam o costume pelo mundo, com o nome de “Kahwah”, que na língua deles quer dizer Força. Há também uma lenda mulçumana dando conta de que foi o Arcanjo Gabriel quem criou o café, para dar forças a Maomé, que após bebê-lo, derrubou quarenta cavaleiros e conquistou igual número de damas. Mas foi graças aos holandeses, a partir do séc. XVII, que o café ficou conhecido no mundo, consumido inicialmente como remédio para vários males. A partir daquele século, gradativamente, o café passou a ser uma bebida popular no velho continente e nas novas terras que estavam sendo colonizadas.

Mas o que é um “Café”, ou seja, o que é um estabelecimento comercial também denominado *cafeteria*? Ora, devia ser um lugar onde, como o próprio nome diz, se consumisse apenas o produto que é obtido do fruto da rubiácea... Mas o lugar, a partir da tradição francesa, passou a ser também um local público onde se reúnem pessoas, onde se bebe de tudo e se discute sobre quase tudo. É o local de onde surgem inspiração para as revoluções, para os amores ou, ainda, onde se pode até tentar reinventar o mundo. As cafeterias desenvolveram-se na Europa, enquanto florescia o Iluminismo e se planejava a Revolução Francesa. Durante tardes inteiras, jovens reuniam-se em torno de várias xícaras de café (e copos de outras bebidas, naturalmente), para discutir o destino das nações, declamar poemas, ler livros ou simplesmente para passar o tempo. Nas antigas “*Kaffehaus*”, na Alemanha, a bebida uniu-se à música: entre as orquestras que tocavam nesses locais destacava-se a *Collegium*, de Leipzig. Em 1732, seu diretor, certo Johann Sebastian Bach, consumidor da bebida, compôs a célebre “*Cantata ao Café*”, cujo *libretto* possui os seguintes versos: “...como é doce o sabor do café! Delicioso como milhares de beijos, mais doce que vinho mascate... ah, café, eu preciso de café! Se alguém quiser me agradar, então que me sirva um pouco de café!”.

A origem da planta em terras brasileiras tem um que de mistério e de sedução: Francisco de Mello Palheta, sargento-mor das tropas portuguesas, em 1727, foi enviado para resolver uma questão diplomática na Guiana. Na volta, deveria contrabandear sementes ou mudas de café, as quais, naquela época, estavam proibidas aos portugueses. Cumpriu bem as duas missões: os franceses

reconheceram as fronteiras brasileiras e ele, depois de também seduzir a Madame Claude d'Orvilles, esposa do governador, conseguiu dela as sementes e as mudas que foram trazidas para o Brasil.

Aqui, nesta “mui nobre e bela São João d’El-Rey das muitas Minas Geraes”, nos tempos de antanho, os Cafés já foram tradicionais cenáculos de irrequietos boêmios, estudantes, escritores, artistas, bancários, rapazes do esporte, funcionários públicos, comerciantes... Naqueles movimentados Cafés tomava-se de tudo, inclusive café: Café Java, Popular, Ideal, Avenida, Brasil, República, Ipiranga, Guarany, do Sr. Queiroz, Antartica e Rio de Janeiro... Estes eram nobres pontos de encontro da sociedade são-joanense e que abrigavam desde os cidadãos puritanos até os mais ousados. Neste início de século XXI os são-joanenses, felizmente, passam a ter a opção de voltarem a se reunirem em Cafés para (re)encontrar amigos e discutir os acontecimentos do dia, assim como Sartre, Camus, Hemingway, entre tantos outros, que se sentavam em Cafés parisienses para beber, discutir e tentar mudar o mundo.

Que os novos “Cafés” que ressurgem timidamente na nossa cidade sejam inspirados na melhor tradição parisiense; que eles possam ser transformados num memorável ponto de encontro de amigos, onde se discuta o esporte e a cultura, a filosofia e a arte, a política e a religião, com boas prosas regadas a café, não exclusivamente, mas principalmente. Que estes espaços possam ser o palco da feliz recuperação do exercício do nosso pensamento, da nossa crítica e da construção da nossa razão, possibilitando dias melhores para o nosso povo desta São João del-Rei!



Interior do antigo “Café Rio de Janeiro”, em São João del-Rei - MG  
(Foto gentilmente cedida por Luiz Antônio de Carvalho Mauro)

Versão deste texto foi publicada no *Jornal de Minas* (São João del-Rei, ano III, n.46, segunda quinzena de setembro de 2004)